

## COLUNA DO CASTELLO ■ MARCELO PONTES

# Plano troca nomes sem sofrer abalo

Quando se troca o presidente do Banco Central, há dois tipos de repercussão: para fora e para dentro do governo. Do lado de fora, acirra-se a discussão sobre o câmbio e a taxa de juros. Do lado de dentro do governo, por mais razões que se tenha para lastimar a saída de Pêrsio Arida, não há motivos para temer grandes abalos. A maneira como o presidente Fernando Henrique Cardoso organizou a gerência da economia impede maiores turbulências com a troca de qualquer nome.

Desde a campanha eleitoral, Fernando Henrique dizia que não teria um superministro tratando da economia, como aconteceu até o governo passado. Tiraria do Ministério da Fazenda, onde se encaixa o Banco Central, esses superpoderes.

Desde o início do seu governo, o comando da economia está diluído, descentralizado em quatro pólos bem diferentes, mas muito articulados na condução do plano de estabilização da economia. Um dos pólos, naturalmente, é o Ministério da Fazenda, com Pedro Malan. Outro, o Banco Central, até agora pela força de dois formuladores de grande influência e reconhecido peso acadêmico, Pêrsio Arida e Gustavo Franco — e daqui para a frente com a incorporação de um operador como Gustavo Loyola.

Um terceiro pólo é o ministro José Serra, com uma equipe própria e de gabarito no Planejamento. O quarto, na verdade o primeiro, é o Palácio do Planalto. Neste caso, o presidente Fernando Henrique conta com a experiência de um gerente, o ministro Clóvis Carvalho, que foi seu secretário executivo no Ministério da Fazenda e conhece como poucos as nuances do plano econômico e as afinidades e desencontros da equipe que o executa.

Espalhada a equipe econômica desse jeito, e mais ainda se se acrescentar a ela o grupo do BNDES no Rio, à frente Edmar Bacha, a troca de um ou de outro nome não causa maiores abalos. Os nomes, por mais respeitáveis que sejam, deixa-

ram de ser importantes no governo Fernando Henrique. O que importa é a orientação do governo, são os rumos que ele dá ao plano de estabilização. O ministro Pedro Malan anunciou que não haverá mudanças básicas no plano. As mudanças, como sempre, serão tópicas, algo assim como a correção do leito de um rio, para que ele continue correndo normalmente.

Tanto os nomes não são mais importantes do que as idéias que já se foram André Lara Rezende e Pêrsio Arida. Bacha preferiu se exilar no Rio. Winston Fritsch se encantou com um fabuloso salário de um banco estrangeiro — e o real seguiu o seu curso normal. O plano já anda por si só.

### Serra e Pêrsio

Há 15 dias, o ministro José Serra telefonou para o deputado Francisco Dornelles, líder do PPR na Câmara, pedindo-lhe que tentasse evitar críticas de deputados do seu partido ao presidente do Banco Central, Pêrsio Arida.

Na ocasião, segundo Dornelles, Serra lhe disse que "Pêrsio era um dos seus" no governo. Esse gesto é suficiente para Dornelles duvidar que

Serra faça parte dos problemas pessoais alegados por Pêrsio Arida para pedir demissão.

— Se dependesse do Serra, ele não sairia — diz Dornelles.

### Escala de aumento

O Ministério da Fazenda garante que é firme a determinação de segurar as tarifas públicas federais. Há algum tempo o ministro Malan vem dizendo que as empresas do governo devem tratar de eventuais defasagens de tarifas reexaminando primeiro os seus custos. No caso do setor elétrico, as tarifas já estão altas, comparadas com patamares internacionais.

Quanto às tarifas públicas estaduais e municipais, entre as quais se incluem principalmente as passagens de ônibus e metrô nas capitais, o que o governo está tentando é um acordo para que tudo não desabe de uma vez sobre os índices que medem a inflação.

Esta é uma tarefa para o xerife dos preços, Milton Dallari. Ele luta desesperadamente para fazer uma escala de aumentos: alguns estados corrigem as tarifas em junho, outros em julho, e assim por diante.